

## Desafios da lingua brasileira.

VILÉM FLUSSER

Visto superficialmente, é o Brasil uma sociedade de lingua portuguesa. O português é a lingua do governo, da imprensa, da literatura, e da grande maioria da população. Se cultura é articulação linguística, o Brasil pertence, se visto superficialmente, à cultura portuguesa. Isto é desmentido por consideração mais atenta. Elementos indígenas infiltram-se no tecido do português e corroem a estrutura lógica do seu discurso. A lingua liturgica das religiões africanas, (que canalizam a religiosidade de parte apreciável da população), é bantû. Aproximadamente um terço da população de São Paulo não fala exclusivamente português em casa. Vastas regiões do Estado são dominadas, extraoficialmente pela lingua japonesa. No Paraná o mesmo sucede com o polones, e em Santa Catarina com o alemão. No Rio Grande do Sul é grande a influencia do espanhol em sua modalidade argentina. Vista mais de perto, não é ainda uniforme a cultura brasileira. É, pelo contrário, uma busca de síntese entre elementos divergentes. Tão divergentes quanto o são as estruturas do português, do tupi-guaraní e do japonês, (para citar três exemplos extremos). Consideremos os desafios lançados por essa divergência um pouco mais de perto.

O português é uma lingua latina. É pois corrupção bárbara da lingua romana. Como todas linguas flexionais é discursiva e discorre em sentenças estruturadas pelo padrão "sujeito\_objeto\_predicado". As sentenças estabelecem relações entre nomes, isto é: designam "situações" (Sachverhalte). O português lança discursivamente uma realidade formada por situações flexíveis. Uma realidade processo. O tupi-guaraní é uma lingua aglutinante. Forma blocos significativos pela colagem de prefixos, infixos e sufixos sobre radicais desestruturadas. Esses blocos designam instantes. O tupi-guaraní lança sincréticamente uma realidade formada por instantes inflexíveis. O japonês é lingua oriental no sentido de não ser uma lingua, mas duas. O japonês falado é híbrido e combina elementos aglutinantes e isolantes. Mas a maioria dos pensamentos é articulada pela lingua escrita. Há escritas silábicas, e há a escrita ideográfica (Kanji). Esta é quase independente da lingua falada. Forma signos gráficos pela combinação de sinais isolados. Designa uma realidade composta de elementos isolados que se combinam como mosaicos. A estrutura dessa realidade é estética, e dá-se em plano, (e não em linha como a realidade discursiva).

É óbvio que as duas realidades não-portuguesas são inacessíveis às categorias do pensamento português e das demais linguas do Ocidente. Carece de significado falarmos em "sujeito" ou "objeto" nessas realidades, e o subjetivismo e objetivismo da tradição ocidental falha nesses terrenos. As categorias kantianas do conhecimento, (como "causalidade", "pluralidade" etc.) tornam-se inaplicáveis, e as próprias formas de percepção, ("Tempo" e "Espaço") perdem toda validade onde não há verbos e substantivos. A lógica aristotélica e neo-positivista não diz respeito a essas estruturas. E as suas realidades não são matematizáveis. Não são portanto deduzíveis, nem reduzíveis a um idealismo "platônico", nem a um idealismo ou materialismo "dialéctico" ou a qualquer forma

VILÉM FLUSSER

"ismo". As três realidades das três línguas exemplo parecem irredutíveis. Isto é o desafio formal para uma cultura que procure sintetizá-las. Considerem o português, a língua matriz brasileira. Como a maioria das línguas do ocidente europeu tornou-se língua literária na Idade Média tardia. Mas no Brasil sofreu uma nova barbarização no Renascimento tardio, uma barbarização comparável à do latim depois da queda do Império romano. No sertão brasileiro conviviam com línguas indígenas e, pouco mais tarde, africanas. Ficou dividida em dois níveis. Um dos níveis se refugiava nas bibliotecas e academias e resultou em língua alienada da conversação da sociedade. O outro nível empobrecia, perdia o seu rigor estrutural, e resultou em língua inapropriada para a articulação de um pensamento disciplinado. Como a literatura brasileira se dava até recentemente no primeiro nível linguístico, é caracterizada, mesmo estruturalmente, por inautenticidade. Considerem rapidamente algumas das demais línguas flexionais faladas no território brasileiro. Todas elas são discursivas e suas realidades podem ser intuídas nas formas "tempo" e "espaço". Mas com diferenciações apreciáveis. Tomem, como exemplo, as línguas eslavas. O seu verbo permite flexões muito mais ricas que nas línguas latinas. Há uma passagem imperceptível do presente para o futuro. O tempo é portanto, em polones, uma forma de intuição diferente da intuição portuguesa. Tomem, como outro exemplo, o idiche. É um alemão fortemente invadido por elementos hebraicos e eslavos. Essas invasões resultam num enorme enriquecimento do sujeito e objeto na sentença, e num empobrecimento correspondente do predicado. A intuição espacial domina a temporal, e a realidade perde muito do seu aspecto processual e tendencioso. Tomem o árabe como último exemplo. É língua som/ítica e seu verbo é uma combinação de raízes, ("letras"). Essas "letras" formam, imperceptivelmente, substantivos. A distinção entre sujeito e predicado torna-se fluida, e a sentença não designa mais "situação" no significado estriço do termo. A lógica formal deve ceder a outros tipos de lógica neste terreno. Estes são pois alguns dos elementos formais dos quais uma cultura brasileira autêntica deve ser construída. Até recentemente o pensamento oficial brasileiro recusava-se a considerá-los. Vasado em português académico, procurava negar sua transplantação para a circunstância brasileira. A língua académica era racional e estéril, e contrastava com a língua da conversação geral, cheia de contradições e tensões internas. No seu isolamento procurava esse racionalismo artificial pontos de contacto com o pensamento europeu. O positivismo francês representava um modelo ideal para os intelectuais brasileiros alienados da sua realidade. Era claro, sistemático, otimista, e latino. Era uma "Weltanschauung" para gramáticos e copistas. Tornou-se monstro. Enquanto invocavam os negros nos morros os deuses e espíritos da chuva e da fertilidade, enquanto organizavam os habitantes das cidades procissões que se dirigiam para as igrejas barrocas, dansavam os intelectuais o seu minueto kantiano e organizavam positivisticamente o sistema educativo, o exército e o Estado.

VILÉM FLUSSER

Nos anos 20 do século 20 surgiu uma revolução na cultura brasileira. É sintomático para a tese defendida neste artigo que a revolução fosse linguística e realizada por escritores. A chamada "semana de 22" é a primeira tentativa de articular uma cultura autenticamente brasileira. A revolução ainda está em curso. "In nuce" trata-se do esforço que tende a sintetizar as diversas estruturas das línguas faladas no Brasil, e criar assim novas realidades e novos significados. Em outras palavras: trata-se de articular uma nova cultura que dê significado novo à existência humana. Considerem alguns dos problemas enfrentados pela tentativa:

Formalmente, (conforme procurei expôr), trata-se de abrir a estrutura rígida discursiva e lógica do português acadêmico para permitir a assimilação de elementos estranhos. Rasgar o tecido do português para permitir a infiltração de elementos estranhos, de outras realidades. Esta tendência não é, no entanto, tipicamente brasileira. O Ocidente todo está, de uma forma ou outra, empenhado na tarefa de afrouxar a rigidez do seu discurso. A necessidade disto é patente. As antinomias a que o pensamento lógico nos conduz foram demonstradas claramente, por exemplo por Goedel. O pensamento discursivo não se adapta mais ao pensamento científico, já que as sentenças das ciências exatas passaram a ser intraduzíveis ao nível conversacional das nossas línguas. Devido a este divórcio vivemos em mundo inimaginável. Devemos pois reformular o nosso pensamento estruturalmente, se quisermos evitar a sensação do absurdo que se espalha. O cálculo proposicional, a lógica multidimensional, a prosa de Joyce, a poesia de Pound, a pintura abstrata, a música eletrônica são algumas das tentativas neste sentido.

Mas no Brasil a mesma tentativa assume aspectos diferentes. Aqui não se trata apenas de um esforço negativo de rasgar o tecido do pensamento. Pelo contrário, trata-se de aceitar estruturas alheias já existentes. Darei dois exemplos: (1) Forçar o português a permitir colagens do tipo produzido pelas línguas aglutinantes. Expressões como "nascemorre" (Haroldo de Campos), e "sagarana" (Guimarães Rosa), são esforços para produzir o equivalente de expressões como "Itaquaquecetuba". (2) Forçar o português a permitir, como a escrita Kanji, a juxtaposição de elementos isolados. O único exemplo que posso dar em artigo discursivo como este é "Grande Sertão:Veredas" (Guimarães Rosa). O primeiro esforço faz com que o discurso português seja invadido por blocos significativos que o fluxo do pensamento é obrigado a contornar, fazendo destarte ressaltar ilhas de significado. O segundo esforço faz com que o discurso português pare ante sinais como ":" que abrem como qu clarões na sentença. É óbvio que outros exemplos poderiam ter sido dados. Violações da estrutura do português para assimilar estruturas de outras línguas são feitas constantemente e conscientemente. Este caráter específico da tentativa brasileira pode ser significativo para todo o Ocidente. Pode indicar caminhos positivos.

O mesmo desafio linguístico tem aspectos existenciais importantes. Se faço explodir o tecido do meu pensamento, abro-me a tipos de vivências até agora

VILÉM FLUSSER

vendados. Novas realidades abrem-se para mim de maneira insuspeitada. Alguns exemplos. Recapturo a vivência da letra mesma, da letra na página, do arabesco no significado semítico do termo. Vivencio uma articulação do fundo sacro na forma de letra. Abro-me ao mistério da escrita e adquire a sensação cabalística, (semítica), da realidade. Outro exemplo. Recapturo a vivência da página branca, do espaço vazio, da pausa. Como no rolo chinês, como nos haikais, entro pela contemplação da escrita em contacto com o nada-fundante e envolvente. E abro-me ao significado do traço, da pincelada. Terceiro exemplo. Recapturo o senso do ritmo. Esse ritmo informador, sem melodia, que ouço diariamente nos tambores dos morros, esse ritmo invade a minha escrita. O ritmo sem significado abstrato, o ritmo concreto. O problema é de abertura, e não de abandono. Não se trata de abandonar a realidade ocidental, a realidade de situações flexíveis. Não se trata de abandonar o pensamento lógico e discursivo. Trata-se, isto sim, de enriquecer essa realidade pela abertura. Também neste aspecto existencial pode a tentativa brasileira apontar caminhos positivos ao Ocidente. E já podem ser observados os primeiros resultados das articulações em linguagem nova, portanto as primeiras realizações de uma cultura brasileira. São as obras da nova literatura e poesia. São as primeiras realizações no campo da filosofia. São, por tradução a outros níveis linguísticos, as novas obras da música, da pintura, da escultura. São as siluetas de Brasília, os contornos do Rio de Janeiro, a "skyline" paulistana. Em todas essas articulações podem vivenciar claramente os elementos assimilados, os elementos de todas as línguas europeias, os elementos orientais, os africanos, os indígenas, e a sua elevação a novo nível de significado.

Nas estas realizações todas não passam de fenómenos de uma superfície modeladora. Muito mais fundamental é a reconstrução por re-estruturação da conversação geral na qual está se articulando, precariamente, algo que podemos chamar, com certa dose de otimismo, "pensamento brasileiro". Aquilo que está surgindo é uma nova personalidade cultural no cenário do Ocidente. Caracteriza-se pela sua prontidão para a abertura, negativamente definível como "falta de preconceitos". Caracteriza-se pela sua tendência para a experimentação e a improvisação, negativamente definível como "palpite" e "chute". Caracteriza-se por uma expansão simultânea em todas as direcções de um espaço não explorado, negativamente definível como "bagunça". E esta nova personalidade é o primeiro resultado de uma revolução do pensamento português que se desestrutura afim de abrir-se à influencia de estruturas diferentes da sua. É muito possível que as tentativas ora em curso no Brasil resultem em fracasso. Acham-se expostas não apenas a seus defeitos internos, mas também a influências externas sobre as quais não pode haver controle. Mas é igualmente possível que alcancem a sua meta pelo menos parcialmente. Neste caso, seriam os acontecimentos ora em curso no Brasil de grande importância para a cultura ocidental da qual o Brasil participa. A longo prazo talvez de importância maior que os acontecimentos simultâneos nos Estados Unidos e União. S.

VILÉM FLUSSER

viética que focalizam a atenção da atualidade. E isto porque no Brasil es\_  
tá em curso uma procura de uma nova realidade, portanto de um novo signifi\_  
cado. Está se processando, no Brasil, a tentativa de conferir à vida uma  
nova dignidade, ao superar uma realidade cansada, totalmente discursada, e  
portanto mergulhada no clima do tédio e do absurdo. Estamos assistindo,  
aquí no Brasil, às dores de parto de algo novo. Isto confere um senso de  
urgência a tudo que fazemos. O parto pode resultar em aborto. Mas em par\_  
te depende de nós evitá\_lo. E podemos tentar evitá\_lo apenas de uma única  
forma: colaborar na criação do novo. Este o nosso desafio.